

A ciência avança...

F. Silveira/Agt. 09

Até a algum tempo atrás, costumava-se dizer que *”Saúde é um direito de todos e um dever do Estado”*. Hoje, praticamente, suprimiu-se a segunda parte da afirmação que agora ficou assim: *Saúde, um direito de todos* e quem sabe acrescido de: *quem puder pagar*.

È esta a realidade atual do Brasil. Um Brasil capitalista, embora pobre, quase miserável mas com grandes oportunidades, de tornar-se uma potencia mundial e bem diferente do que é hoje.

Para mudar-se o “status quo” primeiramente, teremos que mudar a maneira de pensar dos governos e transformar os candidatos em fieis obedecedores de suas próprias propostas que se transformam radicalmente, tão logo assumem os cargos para os quais foram eleitos.

Não estamos falando do atual presidente da República mas de todos os demais que exercem poderes especiais e usam e abusam de suas delegações que chegam a mudar literalmente suas propostas e ao invés de lutarem pelo bem estar do povo, como é o esperado, fazem exatamente o oposto e logo tratam de garantir seus futuros, de forma não muito honesta. Daí, a luta que travam, para se garantirem nos seus cargos ou, nos cargos que o povo lhes delegou.

Desta forma, a transformação do país numa potencia econômica do futuro, vai sendo frustrada, a medida que aumenta à distancia entre o comportamento político dos seus lideres, a ética e principalmente, a moral daqueles que desempenham papeis importantes, na sociedade.

Um dos assuntos que atualmente vem sendo modestamente discutido nas esferas da alta tecnologia, está relacionado aos avanços dos estudos sobre o “Genoma Humano” que pode conduzir a vertentes não éticas, ao favorecerem a descoberta por antecipação, de possíveis doenças, muito antes delas ocorrerem mas com potencial de alterarem significativamente, as variáveis que formatam os seguros de vida e saúde.

Embora não se tenha ainda qualquer indicativo de que Seguradoras podem usar testes genéticos, de seus segurados, para estabelecerem valores de Prêmios, o que poderia caracterizar uma discriminação inaceitável e principalmente, uma falta explicita de ética, tão invocada por estas empresas.

Evidentemente, não somos nós os primeiros no mundo, a enveredar pelos caminhos da “alta tecnologia genética” como elemento importante para avaliar o futuro ou, a história genética do segurado para estabelecer tarifas diferenciadas e até recusar a participação daquele futuro paciente, em seus Planos.

Existem hoje na literatura, a comprovação da utilização de dados genéticos de segurados, por Companhias de Seguros de outros países que já começam a sugerir legislação específica para casos semelhantes.

Em vista disso, já não é sem tempo que se torna necessário uma maior participação das Universidades brasileiras, em estudos semelhantes para que novamente o nosso projeto de Nação, não se perca nestes casos de “genetic discrimination,” por ainda ostentarmos o estigma de país do 3º mundo.

Ainda não fazem 20 anos quando na Inglaterra deram início ao Projeto Genoma Humano, buscando identificar as sequências de Genes e de DNA que fazem ou compõem, as características do ser humano.

Um pouco mais a frente, um grupo de 150 cientistas britânicos e americanos, identificaram **o cromossomo 1** que contém o dobro da média de genes dos demais, correspondendo a 8% do “Código Genético do Homem” .

Este cromossomo 1 tem 3.141 genes que estão relacionados a 350 doenças entre elas o Câncer e o Mal de Alzheimer que evidentemente são fatores de agravamento de riscos e que conhecidos antecipadamente, podem servir como elemento de recusa, daquele paciente, em qualquer Plano de Saúde ou apólice coletiva de vida.

Entretanto, do outro lado, há a oportunidade de desenvolvimento de pesquisas para a cura das doenças ou, tratamentos para atenuação de sua periculosidade sobre o indivíduo.

Na própria Inglaterra, são proibidos testes genéticos com o objetivo de fazer-se diferenciações de riscos, embora o segurado deseje saber qual é o seu futuro e quais as probabilidades de vir a ser acometido por alguma doença.

Ao discutir-se o assunto, sabe-se que a qualquer momento, ele virá a ser tema do dia a dia e evidentemente, quem negocia com riscos, deverá assumir papel fundamental nas políticas que venham a regulamentar o mesmo.

Buscar-se modelos de prevenção, podem vir a ser o grande objetivo das Empresas de Saúde, embora saiba-se que outros, voltados para a cura de doenças, estejam amplamente difundidos entre nós.

Não se pode esquecer que ao surgir os primeiros casos de AID's no Brasil, houve Planos de Saúde que eliminaram drasticamente pacientes que foram acometidos da doença, baseados nos altos custos do tratamento. Essa atitude foi

extremamente radical, demonstrando que as Empresas que a adotaram não tiveram contemplação com seus próprios segurados.

Muitos profissionais que atuam no mercado de Seguros já demonstram suas preocupações com o que poderá vir a ocorrer, quando testes genéticos venham a fazer parte do Dossiê dos segurados. Isto poderá ser um elemento de discriminação que poderá afetar inclusive, a permanência daquele segurado em determinados Planos.

Daqui para a frente, o “Perfil de Riscos” poderá fazer parte do arsenal de recusa de segurados, desde que não sejam criados mecanismos de proteção da sociedade, como um todo. Se de um lado, o conhecimento do potencial de um segurado vir a ter uma doença grave, seja importante para a Seguradora conhecer por antecipação os riscos envolvidos e estabelecer a constituição das reservas e provisões dentro de valores corretos e cada segurado pague o valor que lhes é devido.

Pode não ser justo mas terá que ser antes de tudo, Ético.